



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de início do corte de aço para construção dos dez primeiros petroleiros do Programa de Modernização e Expansão da Frota da Transpetro - Promef

Ipojuca (PE), 05 de setembro de 2008

Meu querido companheiro governador do estado de Pernambuco, Eduardo Campos, e sua senhora, Renata Campos,

Minha querida companheira ministra-chefe da Casa Civil, Dilma Rousseff,

Meu querido companheiro ministro de Minas e Energia, Edison Lobão,

Meu querido companheiro Patrus Ananias, ministro do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,

Meu querido companheiro Sergio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu querido companheiro José Múcio, ministro das Relações Institucionais,

Deputada Ana Arraes, deputado Inocêncio Oliveira, deputado Fernando Bezerra Coelho Filho,

Meu querido companheiro metalúrgico João Paulo Lima e Silva, prefeito da nossa querida capital de Pernambuco,

Meu querido companheiro José Sergio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Meu querido companheiro Sérgio Machado, presidente da Transpetro,

Meu companheiro Paulo César Chafic Haddad, presidente do Estaleiro Atlântico Sul,

Companheira, também pernambucana, Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Meu companheiro Fernando Bezerra Coelho, secretário de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco e presidente de Suape,

Meu caro Angelo Bellelis, vice-presidente do estaleiro Atlântico Sul,

Meu caro companheiro Paulo Roberto Costa, diretor da área de Abastecimento da Petrobras,

Meu caro amigo Luiz Nascimento, do grupo Camargo Corrêa,

Meu caro amigo Antônio de Queiroz Galvão, do grupo Queiroz Galvão,

Meu caro amigo Ariovaldo Rocha, presidente do Sinaval,

Nossa querida companheira Mércia Severo do Nascimento, representante dos trabalhadores, em nome de quem quero cumprimentar cada companheiro e cada companheira do Estaleiro Atlântico Sul,

Pensem num cabra feliz e olhem para cá: sou eu. Tenho vivido alguns momentos que só posso acreditar que tem o dedo de Deus apontando e nos empurrando para assistir e presenciar o que está acontecendo no nosso querido País. A história, muitas vezes, é dura, é contraditória e é engraçada. Quando fui candidato a presidente pela primeira vez, os empresários tinham medo de mim como o diabo tem medo da cruz. O mais incrível é que uma parte das pessoas pobres deste país também tinha medo de mim. Uma vez, aqui em Recife, visitando Casa Amarela, entramos num barraco e a mulher tinha lá um quartinho de 3mx3m. Da mesma forma que os empresários tinham medo que eu fosse tomar o patrimônio deles, fiquei assustado quando visitei esse barraco e perguntei para a mulher: por que a senhora não vai votar em mim? Ela falou: “Porque vocês são comunistas e vão tomar tudo o que eu tenho”. Eu fui embora para São Paulo com a cabeça pirada. O que eu podia tomar daquela mulher? Do Nascimento, da Camargo Corrêa, eu poderia tomar alguma coisa; do Queiroz Galvão, eu poderia tomar alguma coisa; de outras empresas, eu poderia tomar. Mas fiquei matutando: o que eu vou tomar dessa mulher? Ela não tem onde cair morta. Peguei o avião e fui para São Paulo. Aí eu fui



compreendendo que o nada que ela tinha, para ela tinha o mesmo significado de tudo que tem um grande empresário, porque aquele era o patrimônio dela, aqueles 3mx3m era o patrimônio dela.

Passado esse tempo todo, nós perdemos três eleições, vocês nunca me viram chorar ou reclamar de uma derrota, e nunca me viram falar mal de um adversário. Esse tempo serviu para nos preparar e para que a gente fosse aprendendo o que o Brasil precisava para dar o salto de qualidade que tanta gente reclamava. É verdade que eu mudei, é verdade que todos nós mudamos, e é verdade que os empresários mudaram muito.

Acabou-se o tempo em que se tinha representação de empresários quase só no papel, em que eles ficavam semanas e semanas entre um e outro copo de uísque, tentando tomar o dinheiro que o Estado arrecadava, que não dava nem para suprir as necessidades de atendimento à população. Hoje os empresários tomaram consciência e nós também, de que a única possibilidade de este país crescer é a gente dar as mãos, compreender que todos nós temos direitos e todos nós temos deveres. As pessoas sabem que podem tomar dinheiro emprestado no BNDES, mas sabem que precisam pagar. As pessoas sabem que precisam colocar a sua fatia; sabem que precisam procurar novos parceiros; e sabem que nós, que queremos fazer novos investimentos, precisamos apostar na melhoria da qualidade profissional dos nossos homens e das nossas mulheres, porque o mundo competitivo exige cada vez mais qualidade e sofisticação, e nós não estávamos evoluindo para isso.

É por isso, meus caros empresários, meus caros trabalhadores e meus queridos companheiros e companheiras da imprensa, que este país ficou 22 anos sem construir um alto-forno, praticamente produzindo a mesma quantidade de aço. É por isso, Nascimento, que este país ficou quase 18 anos sem produzir uma nova fábrica de cimento. É por isso que este país estava atrofiado e era proibido de crescer, porque passamos 20 anos da história deste país discutindo inflação e dívida externa, e ninguém parava para discutir o



acúmulo e a concentração de miseráveis que iam surgindo pela periferia deste país. Hoje nós vemos na televisão que um jovem daqueles, de 24 anos, está sendo preso porque cometeu um delito. Ele é menos criminoso do que aqueles que foram responsáveis pela política econômica e pela política de desenvolvimento deste país nos últimos 20 anos.

Eu fico pensando quando é que nós, brasileiros, vamos poder andar de cabeça erguida e ter, cada dia mais e cada vez mais, orgulho de sermos brasileiros. Neste país, o contingente de pobres que ia nascendo, cada vez mais... É um paradoxo: nascem mais pobres do que ricos. A classe média já aprendeu a fazer o seu planejamento familiar, e o outro lado, que somos nós, ainda não aprendeu. Já evoluímos muito, mas é exatamente nas famílias mais pobres que se tem 3, 4, 5, 6 filhos, e às vezes até mais. Essa contradição permitiu que fosse aumentando o contingente de pobres espreado pela periferia de Recife, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Salvador e por toda a região metropolitana.

O que nós estamos vendo agora é o começo da reversão. No PAC, quando pensamos em 40 bilhões de reais para fazer investimentos nas regiões metropolitanas do País, para urbanizar favelas, levar casas, alargar ruas, colocar luz elétrica, colocar água encanada, colocar tratamento de esgoto, foi porque tomamos uma decisão: não é apenas a polícia que vai resolver o problema da violência. É a presença do Estado federal, estadual e municipal, levando esperança e oportunidades para as pessoas. E isso está combinado com esta obra aqui.

Se eu fosse conversar com o meu amigo José Sergio Gabrielli e ele conversasse comigo apenas pensando na lógica da Petrobras, certamente ele me diria: “Presidente Lula, fazer uma plataforma aqui no Brasil custa 100 milhões de dólares a mais do que importá-la da Noruega ou da Coréia”. Do ponto de vista apenas da empresa, era verdade: importar ficaria mais barato. Da mesma forma que se eu fosse conversar com outra empresa qualquer, me



diriam: “Presidente, por que vou fazer uma coisa aqui se eu posso comprar lá fora mais barato?”

O que está acontecendo aqui hoje é histórico, dois dias antes de a gente comemorar a Independência do País, e quando se comemora 100 anos da morte do homem que pensou mais fortemente a fome neste país. Eu fico pensando: este estaleiro é um movimento de consciência do nosso país, porque a Petrobras está compreendendo que ela deixou de ganhar 100 milhões de dólares na compra de uma coisa qualquer, mas está gerando empregos, gerando consumo, gerando salários, gerando renda e, possivelmente, o que esses trabalhadores estão gastando no comércio, e o que a empresa Atlântico Sul comprou de matéria-prima aqui dentro do Brasil, valeram muito mais do que os 100 milhões de dólares que a gente ganharia se importasse uma plataforma.

Nós começamos a pensar no País, e começar a pensar no País é permitir que todas as pessoas sintam orgulho desta menina que falou aqui. Sabem por que eu coloquei esta camisa antes de saber que eu tinha que colocá-la? Porque quando ela começou a falar, eu me lembrei do meu primeiro macacão, em 1959. Lembrei-me do orgulho com que eu fui trabalhar na fábrica de parafusos Marte, lá na Vila Carioca, em São Paulo. Minha mãe consertou um macacão do meu irmão e me colocou para trabalhar.

Naquele tempo, eu ia trabalhar com um macacão de mangas compridas, e me achava o máximo. Andava dois quilômetros e passava na porta de uma quitanda que tinha uma loirinha de 13, 14 anos, e eu achava que só porque eu estava de macacão, ela estava olhando para mim. Nunca olhou para mim, coitadinho do metalúrgico aqui, que passava todos os dias. Foram quatro anos e meio naquela empresa. Cheguei na empresa... Naquele tempo mulher não podia ser soldadora, era trabalho insalubre. Ser soldador era trabalho para homem. Eu me lembro de que cheguei na fábrica e não sabia o que fazer. Mas eu tinha um orgulho tão grande, porque tudo o que eu queria ser na vida era



mecânico. Aí me colocaram para catar pedaços de ferro cortados em uma prancha, e eu já achava que aquilo era ser mecânico. Aí eu fiquei das 8h da manhã até o meio-dia catando. Apitou para almoço. Eu fui almoçar, olhei as minhas mãos e falei: estou limpo. Que diabo de mecânico é esse? A visão que eu tinha de mecânico era de um irmão mais velho meu que consertava carros: ele tinha mais graxa na cara e nas mãos do que no macacão. E o meu espelho de mecânico era aquele sujo, cheio de graxa. Não tive dúvida: passei em um tanque de óleo, daquele de temperar peças, enfiei a mão, melequei todo o peito, passei no rosto e fui para casa, para a minha mãe olhar orgulhosamente o caçulinha dela, mecânico, na fábrica de parafusos Marte.

O orgulho que essa menina sentiu ao falar aqui foi o orgulho que eu senti naquele mês de janeiro de 1959, quando comecei a trabalhar em uma metalúrgica. De lá para cá, muitas coisas aconteceram e muitas coisas vão acontecer. O que nós estamos provando a este país é que não temos mais o direito de jogar nenhuma oportunidade fora, não temos o direito de desprezar o potencial extraordinário de criatividade que tem o povo brasileiro, não podemos desperdiçar a credibilidade que conquistamos com duro sacrifício. Aqui tem muitos companheiros metalúrgicos, Eduardo Campos. Certamente, no começo do meu mandato passado, eles desanimaram: “é mais um que não vai dar certo, é mais um que nos enganou”. Nós fizemos de 2003 o ano do sacrifício, eu precisava trocar o capital político por consertar este país. Hoje nós estamos colhendo aquilo que plantamos. Este país nunca gerou a quantidade de empregos que está gerando. Este ano nós chegaremos, certamente, a 2 milhões de empregos com carteira assinada, e a carteira assinada é o orgulho do trabalhador deste país.

Nós estamos investindo, em ciência e tecnologia, 41,5 bilhões de reais, até 2010. Nós estamos investindo, daqui para a frente, em pelo menos mais cinco siderúrgicas neste país, em cinco novas refinarias. Aqui, o José Sérgio Gabrielli só falou das que ele já fez, mas não está contando as que vai fazer:



uma aqui neste estado; outra, o Comperj, no Rio de Janeiro; outra no Maranhão; outra no Ceará e outra no Rio Grande do Norte. Este país não vai ficar exportando óleo cru do pré-sal. Nós vamos exportar produtos mais refinados, com valor agregado, para gerar riqueza para o povo brasileiro e não em outros países.

Por exemplo, José Sergio, o México tem petróleo, mas exporta o petróleo cru para os Estados Unidos e depois importa a gasolina e o óleo diesel. Este país aprendeu o sabor da liberdade, e aprendeu que muito mais livres seremos no dia em que cada pai de família puder levar para casa, com o sustento do seu trabalho, o pão de cada dia da sua mulher e dos seus filhos. Este país será muito mais livre e muito mais independente no dia em que cada pai puder, no aniversário do filho ou da filha, comprar uma lembrancinha, por menor que seja. Este país será mais livre e mais independente no dia em que cada trabalhador puder, no dia de Natal, comprar um presente para o seu filho e para a sua mulher.

Eu sei porque vivi, na crise de desemprego de 1975, um ano e seis meses desempregado. Tenho noção do que é uma mãe, sentada à uma mesa de cozinha com quatro ou cinco filhos, olhando para um fogão apagado porque não teve dinheiro para comprar gás, porque não tinha feijão, se levantar de manhã e não ter café. E este país crescia durante 30 anos, como a maior economia em crescimento do mundo. Entretanto, a riqueza enchia apenas o bolso de poucos e não era distribuída para que a gente pudesse partilhar o resultado da nossa competência, do nosso crescimento. Parece-me que neste país os pobres só tinham valor em época de eleição. Em época de eleição, pobre é a coisa mais paparicada do mundo. Época de eleição é época de político falar mal de banqueiro, de falar mal de empresário, de falar mal de magnata, e é época de falar bem do pobrezinho, do miserável, do que mora no barraco. Até beija as criancinhas. Depois da posse, dá uma banana para os pobres e vai almoçar e jantar com os ricos durante todo o seu mandato, e só



volta a pensar nos pobres quatro anos depois.

É por isso que a gente tem que ter orgulho de Recife ter um prefeito como João Paulo, e Pernambuco ter um governador como o companheiro Eduardo Campos, que têm história de vida e, portanto, não prometem, fazem. E tratam bem as pessoas antes, durante e depois. É esse tipo de gente que nós queremos consagrar no País.

Por isso, estamos investindo em educação, e muito. Aqui em Pernambuco, além da Universidade do Vale do São Francisco que fomos inaugurar ontem, tem cinco novos campi. Vamos ter universidades em Caruaru, Vitória de Santo Antão, Garanhuns, Serra Talhada e Petrolina, para que os jovens do interior possam estudar sem precisar se dirigirem à capital. No ensino técnico nós temos duas unidades, em Floresta e Ipojuca, e estamos criando mais cinco em Afogados do Ingazeira, Caruaru, Garanhuns, Ouricuri e Salgueiro. Só em Recife tem 4.257 mil jovens fazendo universidade pelo ProUni. O estado de Pernambuco inteiro tem 6.544 mil jovens que, se estivessem à espera de uma universidade do governo, não iriam estudar. Nós criamos o ProUni, inventamos. As universidades particulares (inaudível) imposto, trocamos por bolsas, e esses jovens hoje estão cursando universidade. No ProJovem, que é para a gente tirar jovens de 15 anos a 29 anos que pararam de estudar, só em Recife temos 17.952 mil jovens que já tinham desistido da escola, e nós pagamos uma ajuda de custo para eles voltarem a estudar, aprenderem uma profissão e pegarem o caminho do bem, o caminho que todo pai deseja para os filhos. Em Pernambuco nós temos 22 mil jovens matriculados no ProJovem.

Essas coisas, meus companheiros, são apenas o começo. São o começo de uma coisa que nós aprendemos a fazer a partir de uma história de vida. Hoje eu tenho certeza de que os empresários não têm mais medo do Lula. E é bom que tenham respeito, pelo respeito que tenho por eles. Os trabalhadores já não têm mais medo do Lula. Pelo contrário, eles me enxergam



como se fossem eles que estivessem governando este país, provando que trabalhador pode chegar onde ele quiser, se tiver determinação.

Graças a uma equipe de governo extraordinária, graças à nova safra de governadores eleitos neste país, a gente pode, sim, dizer: este é o estaleiro virtual, tão virtual que ele não foi pensado apenas no papel. Este estaleiro traz mais do que o papel, traz um pouco da nossa alma, um pouco da nossa crença, traz o sentimento de um presidente que é capaz de chorar quando vê um vídeo das pessoas pobres desta região. Esta empresa foi capaz de transformar cortador de cana em soldador, em montador. Esta empresa foi capaz de transformar deserdado da periferia em cidadão de cabeça erguida, orgulhosamente vestindo um macacão e com a sua carteira assinada, para levar para casa o pão, o leite e o feijão que fazem os nossos bacuris crescerem, e crescerem muito.

Por isso, meu caro Haddad, meu caro governador Eduardo Campos e meu caro prefeito, hoje é um dia extremamente feliz. Aliás, esta semana, para mim, foi... Vocês estão lembrados que eu disse que Deus está no Brasil. Ele estava viajando por aí e parou aqui. Parou aqui e fez a gente descobrir o pré-sal, depois ele fez com que a gente começasse a inaugurar as universidades.

Ontem nós viemos a Recife lançar um programa para levar médico, dentista, oftalmologista, clínico-geral às escolas, para a gente olhar se as crianças, quando entram na escola, têm problemas de ouvido, de garganta, de olhos, se têm problemas no coração. Vocês sabem que na escola em que nós fomos 3% das crianças têm problemas de pressão? Significa que nós precisamos começar a cuidar dessas crianças enquanto são pequenas. Se a gente cuida das crianças, se está cuidando da juventude, se começa a cuidar dos trabalhadores e dos empresários, só a nós, políticos, falta cuidarmos de nós mesmos, senão todos vão para a frente e nós ficamos para trás.

Quero terminar dizendo uma coisa para vocês: o Brasil vive o seu mais extraordinário momento. Não falo isso para me vangloriar. Falo isso porque na



semana passada, alguns empresários aqui presentes participaram de um evento lá no Palácio do Planalto. Normalmente, alguns setores da imprensa não cobrem o que é feito. Parece que a imprensa tem uma certa ojeriza a escrever as coisas corretas, porque se falar bem do governo, dará a impressão de que é chapa branca. Então, de vez em quando a moda é falar mal. Recebo empresários todos os dias. Todos os dias vão empresários: “Presidente, vamos investir 1 bilhão, 2 bilhões, 500 milhões”. Aí, o empresário desce com o ministro para dar entrevista. No dia seguinte eu leio, e nada.

Então, eu resolvi juntar todos os empresários, colocar dentro do Palácio do Planalto para que a gente pudesse dar uma radiografia do que vai acontecer no Brasil até 2012. Até 2012, este país já tem contratados e compromissados investimentos da ordem de 1 trilhão e 400 bilhões de reais, que já estão consagrados.

Agora em setembro, eu vou fazer um (encontro) de políticas sociais. Vou convidar todos os movimentos sociais: sem-terra, sem-teto, sem-casa, sem-dente, sem-carro. Vou chamar todos a Brasília para fazer uma avaliação das coisas que aconteceram neste país, para as pessoas perceberem que quando eu disse “pensem num cabra feliz”, é quando vejo manchetes: “A classe média cresce. As pessoas da classe E e D passam para a classe C. O salário do trabalhador cresce. Nove milhões e meio de pessoas ficam menos pobres. Vinte milhões de pessoas ascendem de classe. Mais gente vai para a escola. Mais gente aprende uma profissão. Mais gente ganha mais salário. Noventa por cento dos acordos que os trabalhadores estão fazendo nos últimos cinco anos são todos com aumento real de salário”.

Passei 20 anos no Sindicato e nunca consegui um aumento real de salário, apesar das greves que eu fazia. Está todo mundo compreendendo, o empresário sabe que a empresa dele está ganhando mais e que pode pagar um pouco mais. O trabalhador sabe que a empresa está produzindo mais e que ele pode pedir um pouco mais, mas não pode pedir a ponto de levar a empresa



a ter prejuízo. Essa maturidade de equilíbrio entre trabalhadores e empresários, entre governo e trabalhadores, entre governo e empresários, entre 190 milhões de brasileiros, é que me permite dizer para vocês: meus queridos companheiros, ainda faltam dois anos e quatro meses para terminar o meu mandato na Presidência da República. Podem ficar certos de que daqui até 2010, estaremos apenas colhendo aquilo que plantamos.

Àqueles que torcem contra, àqueles que ficam o tempo inteiro rezando para que as coisas dêem errado, àqueles que ficam acreditando que as coisas não podem dar certo porque vai prejudicá-los nas eleições que vêm, eu queria dizer: por favor, podem xingar o presidente o quanto quiserem, podem xingar os ministros o quanto quiserem, mas na hora em que estiverem em jogo os interesses deste país e os interesses do povo, pelo amor de Deus, sejam pelo menos humildes, decentes e dignos. Façam discursos contra o governo, mas votem nas coisas que vão beneficiar o trabalhador brasileiro, as donas-de-casa, as crianças e todo o nosso País.

É esse o apelo que eu faço, porque não quero que o sucesso do Brasil seja apenas o sucesso do meu governo. Não quero que o sucesso dos empresários seja apenas o sucesso dos empresários do Atlântico Sul. Não. Eu quero que todos, mas todos, indistintamente, tenham oportunidades, e que a nossa querida Petrobras ache cada vez mais petróleo. Daqui a pouco vai estar todo mundo andando com aquele negocinho na cabeça, como se fosse sheik do petróleo. Daqui a pouco o José Sergio vai querer ir para a Opep, porque as pessoas vão ficando grandes e importantes.

Só tenho medo de uma coisa que falo para o José Sergio: a Petrobras está encontrando petróleo tão fundo, que o meu medo é que ela crie um problema internacional. De tanto fazer buracos, cada vez mais fundos – eu já disse duas vezes – daqui a pouco ela vai trazer um japonêsinho grudado na sua broca, e aí vai ter um problema diplomático com o Japão, que vamos ter que resolver na diplomacia. Há dez anos, 100 metros era fundo, não é, José



Sergio? Depois passamos para 300, para 500 e depois para 600. Hoje – só para vocês que estão produzindo navios e que, logo, logo vão produzir sondas que vão procurar petróleo lá embaixo – são 3 mil metros de água, 3 mil metros de rocha, e depois 2 mil metros de sal.

Pensem numa coisa dessas e imaginem a sensação que eu tive quando coloquei a mão num petróleo saído de 4 mil metros de profundidade. Alguns dizem: “As coisas estão acontecendo porque o Lula tem muita sorte”. Graças a Deus, e que me dê muita sorte, porque sem sorte nem homem e nem mulher arrumam mulher e marido. Precisamos de sorte para sermos felizes no amor, para o nosso time ser campeão, para vivermos bem a nossa vida, para termos emprego. Se alguém, um dia, quiser um presidente azarado, não contem comigo. Se quiserem alguém com sorte, podem ficar certos de que eu vou ajudar a eleger.

Um abraço, e que Deus abençoe todos os trabalhadores e o povo deste estado.

(\$211A)